

## AULA 12

**Nicolau Maquiavel (1469-1527) século XV**

Além de ser considerado um dos mais brilhantes intelectos de sua época, é atribuído à Maquiavel o título de Pai da política moderna e fundador da ciência política.

Foi poeta, diplomata, músico italiano do Renascimento, historiador (não como qualquer outro, pois, além de se preocupar com referências precisas, deixa transparecer em suas obras históricas a defesa de algumas de suas idéias através da narração de fatos históricos), embaixador de paz ou de tratados políticos entre os estados italianos e o mais importante como Secretário da Segunda Chancelaria do Estado de Florença.

Sua principal obra é intitulada “*O Príncipe*”. O termo príncipe utilizado por Maquiavel, não se refere especificamente ao filho do rei, mas a qualquer governante, seja ele um rei, um príncipe, um imperador, um duque, conde, senhor feudal ou até mesmo um presidente como temos nos dias atuais.

Ele considera de fundamental importância que se registre o que se aprendeu, pois, assim se faz ciência e os homens lendo os fatos ocorridos, não caíam novamente nos erros de seus antecessores. Seu método era empirista, pois, analisava os fatos e escrevia suas obras com base nas experiências históricas.

Maquiavel viveu em uma época de intensa desordem, em face de uma Itália dividida, corrompida e sujeita a invasões externas. No século XV, ele representou um marco na elaboração da moderna concepção de política, pois, não tinha dúvidas que era necessária a unificação e regeneração do país. Tais tarefas tornavam imprescindível o surgimento de um homem virtuoso, capaz de fundar um Estado forte e coeso. Era preciso, enfim, um príncipe.

**Força e Poder.**

Enquanto as políticas antiga e medieval buscavam descrever o bom governo, ditando regras para o governante ideal, Maquiavel verifica com toda crueza, como os governantes agem de fato. Para ele, a política requer a lógica da força e é impossível governar sem fazer uso da violência.

- Daí surge o termo ‘maquiavélico’

- não se trata de justificar a violência à qualquer preço, mas reconhecer que ela é necessária em determinadas circunstâncias, como por exemplo, quando um príncipe conquista o poder ou luta para não perdê-lo.

- Vale ressaltar que importante não é apenas o uso da força, mas seu sábio uso.

- A política não se refere, portanto, às utopias (como em Platão)

- Aqui, a teoria não se separa da prática e segundo nosso autor, o novo príncipe é aquele capaz de compreender o jogo político efetivo nas suas circunstâncias concretas e de identificar as forças do conflito, a fim de agir com eficácia.

**Força e Poder.**

Enquanto as políticas antiga e medieval buscavam descrever o bom governo, ditando regras para o governante ideal, Maquiavel verifica com toda crueza, como os governantes agem de fato. Para ele, a política requer a lógica da força e é impossível governar sem fazer uso da violência.

Daí surge o termo ‘maquiavélico’, que ficou conhecido como esperteza (indivíduo ‘espertalhão’), comportamento amoral e antiético. Convém, no entanto, não reduzir o pensamento maquiaveliano ao simplismo do mito do ‘maquiavelismo’, pois, não se trata de justificar a violência à qualquer preço, mas reconhecer que ela é necessária em determinadas circunstâncias, como por exemplo, quando um príncipe conquista o poder ou luta para não perdê-lo. Vale ressaltar que importante não é apenas o uso da força, mas seu sábio uso. Ainda mais se considerarmos a época em que viveu Maquiavel, na expectativa da unificação da Itália, assolada por lutas internas e invasões de estrangeiros.

A política não se refere, portanto, às utopias (como em Platão), nem às abstrações, tais, como as normas ideais que devem orientar de antemão o ‘bom governante’. Aqui, a teoria não se separa da prática e segundo nosso autor, o novo príncipe é aquele capaz de compreender o jogo político efetivo nas suas circunstâncias concretas e de identificar as forças do conflito, a fim de agir com eficácia. Para essa atuação não ser vã, admiti-se que os valores morais que regulam as condutas individuais, não se aplicam ação política, que envolve o destino comum dos cidadãos em uma comunidade. Daí a importância de Maquiavel : separar virtudes cristãs das virtudes políticas. Nem sempre o que é virtude para o homem na sociedade, o é também para a política, tanto que ele diz que para um príncipe, há vícios que são virtudes, desde que estes sirvam para a coesão e manutenção do Estado. Se os vícios são necessários para o Estado, desde já, são válidos e inevitáveis.

A recusa do prevailecimento dos valores morais na ação política, indica um novo conceito de ordem, a ordem mundana como projeto de Estado e não mais a ordem divina. De fato, naquele momento histórico em que se formavam as monarquias nacionais, era necessária uma teoria que justificasse o fortalecimento do Estado soberano e secular, isto é, não religioso.

**Anarquia x Principado e República**

Para Maquiavel, a desordem é proveniente da imutável natureza humana e acresce um importante fator social de instabilidade : a presença inevitável em todas as sociedades de duas classes opostas. Uma, os grandes, que desejam dominar e oprimir o povo ; a outra, o povo, que não quer ser dominado e nem oprimido. Nota-se que uma das forças quer dominar, enquanto a outra apenas não quer ser dominada. No entanto, se todos quisessem o domínio, a oposição seria resolvida pelo governo dos vitoriosos. Contudo, os vitoriosos não querendo o domínio, o problema político é então, encontrar mecanismos que imponham a estabilidade das relações que sustentem uma determinada correlação de forças.

Maquiavel sugere que há basicamente duas respostas à anarquia decorrente da natureza humana e do confronto entre os grupos sociais, trata-se do Principado e da República. A escolha de uma ou de outra forma institucional não depende de um mero ato de vontade ou de considerações abstratas e idealistas sobre o regime, mas da situação concreta. Assim, quando a nação encontra-se ameaçada de deterioração, quando a corrupção alastrou-se, é necessário um governo forte, que crie e coloque seus instrumentos de poder para inibir a vitalidade das forças desagregadoras e centrífugas. O príncipe é mais propriamente um fundador do Estado, um agente de transmissão numa fase em que a nação se acha ameaçada de decomposição. Nesta situação, o regime que se faz necessário é o Principado.

Quando ao contrário, a sociedade já encontrou formas de equilíbrio, o poder político já cumpriu sua função regeneradora e 'educadora', ela já está preparada para a República. Neste regime, que por vezes o pensador florentino chama de liberdade, o povo é virtuoso, as instituições são estáveis e contemplam a dinâmica das relações sociais. Os conflitos são fontes de vigor, sinal de uma cidadania ativa e portanto são desejáveis.

### Virtù e Fortuna

Os conceitos de *virtù* e *fortuna* são empregados várias vezes por Maquiavel em suas obras. A atividade política, tal como se arquitetara, exigia a prática da *virtù*, o domínio sobre a fortuna.

Para os antigos, a fortuna era uma deusa romana da sorte, uma aliada potencial, cuja simpatia era importante atrair. Representava a honra, o poder, a glória, a riqueza e as coisas inevitáveis que acontecem aos seres humanos e por isso, não se pode saber a quem ela vai fazer bens ou males e ela pode tanto levar alguém ao poder como tirá-lo de lá. Para possuí-la, deve-se seduzí-la através da verdadeira virilidade e inquestionável coragem. Assim, quem possuísse *virtù* no mais alto grau, seria beneficiado com seus presentes.

Contudo, com o triunfo do cristianismo, essa visão foi inteiramente derrotada. A deusa boa, disposta a ser seduzida, foi substituída por um 'poder cego', inabalável, fechado a qualquer influência que distribuísse seus bens. Nessa fase, a honra, o poder e a glória não cabiam ao homem e a riqueza não significava felicidade, pois, esta não se encontrava no mundo terreno. O destino é uma força de providência divina e o homem sua vítima impotente.

Maquiavel discorda com essa posição, defende o livre-arbítrio e demonstra a possibilidade da *virtù* conquistar a fortuna. Sendo assim, há possibilidade de uma aliança entre *virtù* e fortuna, onde a fortuna não é impiedosa, mas boa, assim como pensavam os antigos, desejosa de ser conquistada por quem tem *virtù*. Mas afinal, para Maquiavel, o que seria *virtù*? Para ele, seria a capacidade de adaptação aos acontecimentos políticos que levaria à permanência no poder. A *virtù* seria como uma barragem que deteria os designos do destino. Esta *virtù* não é cristã, ao contrário, o homem de *virtù* busca e luta pela honra, poder e glória. E, o

que é na visão maquiaveliana um homem virtuoso? É aquele homem que continua encontrando seu fundamento na força, mas não apenas na força bruta, mas na sabedoria do uso da força, da violência, pois, só assim consegue conquistar o poder e se manter nele; se não for pelo amor, pelo menos pelo temor e respeito dos governados. O príncipe virtuoso, deve saber agir conforme as circunstâncias.

A força explica o fundamento do poder, porém, é a posse de *virtù*, a chave por excelência do sucesso do príncipe.

### Algumas frases de Maquiavel

"O príncipe deve saber agir conforme as circunstâncias".

"Os que se tornam príncipes sem muita fadiga, apenas com muita se mantêm e aqueles que muito se fadigaram para conquistar, pouco gastará para se manter".

"Melhor ter o povo ao lado do que os 'grandes'. 'Os grandes' também querem oprimir, mas o povo só não quer ser oprimido. Com o povo, o príncipe terá que conviver sempre, mas com os grandes não".

"Somente os principados Eclesiásticos são seguros e felizes, pois, são engrandecidos e mantidos por Deus".

"Ao príncipe são indispensáveis boas bases: boas leis e bons exércitos. O que compete a ele é a guerra, esta, é a única arte que compete a quem comanda. Quem pensa mais nas delicadezas do que nas armas, perde facilmente seu Estado".

"Por isso é necessário, a um príncipe que queira se manter, aprender a poder não ser bom e usá-lo ou não, segundo a necessidade". (*O Príncipe*, capítulo XV, 6º§).

"Maquiavel diz que o ideal a um príncipe, é ser amado e temido, mas como é difícil uní-las, declara ser mais seguro ao príncipe, ser temido do que amado: 'E os homens tem menos escrúpulos em ofender alguém que se faça amar do alguém que se faça temer, porque a amizade é mantida por um vínculo de reconhecimento que, por serem os homens maus, é quebrado em cada oportunidade que venha em benefício próprio, mas o temor é mantido pelo medo do castigo que nunca te abandona'. (*O Príncipe*)